

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

"A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS EM JOSEFO"

UFOP - IV CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS / XII REUNIÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS - SBEC, 5-10 DE AGOSTO

2001

"ANTIGÜIDADES"

Vicente Dobroruka

HIS / UnB



Resumo / abstract

Um dos méritos que Josefo atribui a si mesmo e a seus heróis, bíblicos ou mais recentes, é a capacidade de interpretar sonhos. Eles desempenham papel fundamental não apenas nessa caracterização mas também na formulação geral de Josefo sobre o sentido da história, uma vez que é através de um sonho tido durante o cerco da cidade galiléia de Jotapata que Deus informa a Josefo o destino de romanos e judeus. Como elemento justificador de uma escolha pessoal ou justificador de todo um grupo étnico que sabe interpretá-los, os sonhos exercem em Josefo o duplo fascínio de serem as credenciais de personagens notáveis e, ao mesmo tempo, de fornecerem ao historiador a chave para o entendimento do sentido da história universal.



A interpretação dos sonhos em Josefo

Um tema importante que se manifesta tanto na apocalíptica *strictu sensu* quanto nas formulações metahistóricas de Josefo é o da adivinhação onírica; têm sido publicados diversos estudos acerca do papel das práticas divinatórias ligadas ao sono e aos sonhos¹. Eles representam elementos fundamentais da cadeia explicativa concebida por Josefo para explicar tanto o curso da história em geral como sua deserção individual para o campo romano - o episódio do sonho que o historiador teve em Jotapata é decisivo; nele, fica claro que o "governante do mundo" de que falam certos textos - Josefo não nos diz quais, talvez os *Oráculos sibílinos* 3.350-380 - é o imperador Vespasiano, e não o messias de Israel².

Refletindo sobre essas coisas [a morte de um certo Jesus, tido como louco e que passava os dias a apregoar aos berros a ruína de Jerusalém] vemos que Deus se importa com os homens, mostra ao Seu povo, por meio de todo tipo de sinais, o caminho da salvação, enquanto a sua destruição é devida à loucura e calamidades geradas por eles mesmos [...] Mas o que os incitou à guerra mais do que tudo foi um oráculo ambíguo, encontrado em seus livros sagrados, que dizia que naquele tempo alguém do seu país tornar-se-ia governante do mundo. Eles entenderam isso como dizendo respeito a alguém de sua própria raça, e muitos sábios se perderam com essa interpretação. O oráculo, na verdade, dizia respeito à ascensão de Vespasiano, proclamado imperador em solo judaico. Por tudo isso, é

¹ Destes, um dos mais importantes é o de David Aune. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983.

² Rebecca Gray. *Prophetic Figures in Late Second Temple Jewish Palestine*. New York / Oxford: Oxford University Press, 1993. P.27 e *Guerra dos judeus*. 3.351-354; 399-408; o papel dos sonhos de José também é importante para Josefo, embora os que Daniel tem e interpreta sejam muito mais complexos. Cf. ainda BJ 6.310-315.



*impossível aos homens escaparem ao próprio destino, mesmo quando podem antevê-lo*³.

Na literatura apocalíptica a referência a sonhos e processos onírico-divinatórios é também freqüente⁴; o próprio Josefo tem pelo menos um sonho de importância crucial dentro de sua obra e para o desenvolvimento de sua concepção providencial de história:

*[...] subitamente vieram à sua mente aqueles sonhos noturnos, nos quais Deus lhe tinha revelado o destino iminente dos judeus e dos soberanos romanos. Ele [Josefo] era um intérprete de sonhos e hábil em adivinhar os proferimentos ambíguos da divindade; ele mesmo era sacerdote, e descendente de sacerdotes, e ele não ignorava as profecias dos livros sagrados. Naquele momento teve a inspiração de ler seu significado, e, lembrando-se das imagens recentes de sonhos terríveis, rezou em silêncio a Deus. 'Já que Te agrada', ele disse, 'a Ti que criaste a nação dos judeus, destruir a Tua obra, já que a fortuna passou para os romanos, e já que Escolheste meu espírito para anunciar o que está por vir, rendo-me de boa vontade aos romanos e me permitirei viver; mas Sóis testemunha de que não vou como traidor, mas como Vosso ministro'*⁵.

Mesmo quando se trata da revelação por meio de sonhos (algo que Josefo e Daniel têm em comum), o termo utilizado pelo historiador é *proesêmanen* para indicar aquilo que Deus havia lhe mostrado em sonhos. Na verdade o estudo da oniromancia em Josefo pode ser feito em dois eixos distintos: na análise que Josefo faz dos sonhos de outros personagens, bíblicos ou não, e na discussão dos seus próprios sonhos. Para o estudo dos sonhos do primeiro tipo, falarei do que Josefo diz acerca de José, Daniel e

³ BJ 6.310-315.

⁴ John J. Collins. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1984. P.8. Entre as passagens de apocalipses em que os sonhos são particularmente importantes, temos Dn 7-8; 1En 83-91; 4Esd 11-13; 2Br 35-47; 53-77, com precedentes em Gn e Ez, entre outros textos do AT.

⁵ BJ 3.352-354.



Herodes; para os do segundo, deter-me-ei no sonho do historiador em Jotapata.

De acordo com Simon Price, os sonhos de tipo preditivo subdividem-se, na tradição grega, em três tipos:

1. *Oneirei*: necessitam de intérprete;
2. *Horamata*: visões proféticas;
3. *Chrematismata*: conselhos divinos⁶.

Josefo, ao referir-se aos sonhos que José interpreta em Gn 40-41 (AJ 2.63-91), usa sempre termos ligados a *oheiratwn* (genitivo) para os sonhos do mordomo, do padeiro e do faraó, implicando portanto na necessidade de interpretação. Daniel é talvez a referência mais importante para Josefo em termos de sua concepção de história: o sonho de Dn 7 surge em AJ 10.269, com detalhes não encontrados no texto bíblico (principalmente o terremoto). Com relação a Daniel, devemos levar em conta que ambos eram de descendência real, sonhavam e interpretavam sonhos e atingiram uma posição de preeminência sob governantes estrangeiros. Josefo assemelha a inveja que os pagãos tinham de Daniel às calúnias de que ele próprio é alvo em V 84-85 e 80-82, já que ele também foi acusado de incúria quando comandante da Galiléia⁷.

Herodes não é personagem bíblico bem-quisto como os dois anteriores, mas é sem dúvida alguma o estadista ao qual Josefo dedica maior atenção individualmente; o sonho em que ele vê o destino de seu imprudente irmão Josefo surge em BJ 1.328 como *oheiroi*.

⁶ "Dreams" in: *Oxford Classical Dictionary*. Engine Version 3.13. Oxford: Oxford University Press, 1996-2000 (Cd-Rom).

⁷ Gray, op.cit. pp.74-76.



Outro indivíduo notável também pelos seus sonhos (embora Josefo seja pródigo em elogios de todo tipo à sua pessoa) é João Hircano. O monarca asmoneu tinha sonhos revelatórios, que Josefo associa à profecia (AJ 13.282-283).

Em todos os casos analisados, no entanto, deve-se ter em mente que Josefo, muito em consonância com o judaísmo de sua época, associa o dom da profecia em geral (no qual se subsume o da oniromancia) ao estudo da Escritura; este é precisamente a causa da excelência dos essênios na adivinhação do futuro⁸.

No outro campo, o da análise dos sonhos que o próprio Josefo tem, manifesta-se um dos traços mais peculiares do historiador judeu: o uso da tradição veterotestamentária como elemento constitutivo de suas reflexões sobre a história. Aqui também Daniel é um grande modelo de conduta para Josefo (do ponto de vista do fazer historiográfico *strictu sensu* Josefo tem Tucídides como modelo, o que não chega a surpreender). Todavia, a análise do papel dos sonhos na obra de Josefo em termos da historiografia tradicional helenística coloca um problema grave, o da dissociação completa da referida análise do contexto da literatura apocalíptica judaica. Josefo descreve seu próprio papel em termos razoavelmente "proféticos"; há pouca clareza na distinção dos profetas e adivinhos, apocalípticos, revolucionários em geral, enfim entre as diferentes categorias de indivíduos que pretendem motivação e sinalização divinas para o sucesso de suas ações na Judéia dos anos que antecedem a guerra⁹.

⁸ BJ 2.113 etc.

⁹ Gray, op.cit. p.26.



A seguirmos a classificação de Becker¹⁰, Josefo é um profeta político-nacionalista sem programa de partido (os demais tipos são os profetas em continuidade com o AT, os profetas escatológicos e os carismáticos como João Batista). Como apoio à classificação de Becker, lembremos que o sonho de Josefo em Jotapata diz respeito à situação política do Estado judeu¹¹.

No entanto, a informação que Josefo afirma ter recebido em sonho referente às intenções divinas para com judeus e romanos talvez esteja muito mais próxima do universo da literatura apocalíptica do que dos discursos de personagens na historiografia grega (mesmo sendo em 1ª pessoa, não deixaria de ser um discurso interposto no fluxo da narrativa e das conexões causais em 3ª pessoa). Na apocalíptica surge um quadro fechado e completo, onde não há lugar para alterações no plano divino; do mesmo modo Josefo não oferece quer a si mesmo quer aos judeus alguma possibilidade de ação corretiva para os eventos da guerra, uma vez que Deus já se passou para o lado dos romanos. Josefo não discute o caráter dessa "decisão", acaso o considere revogável¹².

E ainda dentro da questão do peso dos sonhos na literatura apocalíptica, resta uma questão cara a John Collins e que tem permeado todas as discussões mais recentes: a oniromancia apocalíptica pretende ser a descrição fiel de uma experiência extática ou é mero recurso estilístico, quase protocolar? No caso de Josefo, a questão se põe com mais gravidade uma vez que o historiador, culpado de traição da causa dos rebeldes, justifica-se por meio do sonho: "[...] Escolheste meu

¹⁰ Johannes Becker. *Johannes der Täufer und Jesus von Nazareth*. Neukirchen-Vluyn, 1972. Pp.44-60 cit. por Aune, op.cit. p.107.

¹¹ Aune, op.cit. p.106.

¹² Op.cit. pp.75-76.



espírito para anunciar o que está por vir, [...] mas Sóis testemunha de que não vou como traidor, mas como Vosso ministro". Pode-se ler aqui tanto a desfaçatez do colaboracionista como a explicação sincera do oníromante: essa é uma discussão estéril, a meu ver, uma vez que as fontes não permitem supor nada acerca dos sentimentos pessoais de Josefo. A seu favor pesa entretanto, o fato dele jamais ter apostasiado - o que teria conduzido à depreciação de seus sonhos como elementos explicativos¹³. Em suma, a motivação de Josefo para se render era o fato dele ter uma missão divina importante a cumprir.

Tal motivação aparece com clareza no longo discurso em que Josefo se compara a Jeremias (BJ 5.362-419). Ademais, quando BJ foi escrita, Vespasiano já estava firmemente estabelecido no poder, e não havia razão para Josefo continuar a cultivar o mito da predição caso se tratasse apenas de recurso cômico¹⁴. De todo modo o episódio do sonho em Jotapata e a esquiva que se segue são especialmente problemáticos em Josefo, uma vez que dizem respeito à sua posição quanto ao suicídio - e como sabemos, esta aparece de modo bem diferente em BJ 7, quando do episódio do suicídio dos seguidores de Eleazar ben Jair em Masada. Mas isto já é matéria para outro *paper* apresentado neste congresso.

Além disso, deve-se levar em conta a passagem de BJ 3.351-354: Josefo alega poder interpretar sonhos com a ajuda das Escrituras, e não as próprias escrituras.

¹³ Rebecca Gray também dispensa o Josefo "hipócrita", de um cinismo atroz e que teria inventado todo o episódio do sonho como último acinte a seus compatriotas traídos. O tema parece ter estado muito em voga após Pierre Vidal-Naquet ter comentado acerca do "feroz espírito de classe" de Josefo, falha de caráter que se manifestaria em todas as oportunidades e de modo especialmente ofensivo na descrição do sonho de Jotapata.

¹⁴ Gray, *op.cit.* pp.44-46.



Em suma, Josefo condena os revolucionários, no que tange à profecia em geral e a oniromancia em particular, pela sua incapacidade em interpretar corretamente os sinais divinos. Nisso Josefo assemelha-se a qualquer historiador antigo ou moderno: ele se encontra ao final do processo que descreve e já conhece seu desfecho. Josefo já sabe que Jerusalém está condenada, e chega a afirmar que, caso os romanos não a destruíssem, alguma catástrofe enviada diretamente por Deus se incumbiria da sua destruição:

Creio que se os romanos demorassem a punir esses réprobos [os revolucionários], a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou ela teria sido varrida por uma enchente, ou provaria novamente os raios da terra de Sodoma¹⁵.

Vista sob essa luz, a adivinhação dos sonhos em Josefo, mais que oportunismo, é um componente essencial de suas concepções historiográficas, uma vez que expõem o plano de Deus para a condução dos assuntos humanos. No tempo de Josefo já existia uma tradição crítica quanto às possibilidades revelatórias dos sonhos (mesmo entre os gregos e até em Qohelet). Mas Josefo, ao achar que recebeu mensagens de Deus em sonhos, imaginou que os profetas antigos fizessem o mesmo; nesse sentido a oniromancia é um dos aspectos mais singulares de Josefo, reescritor da Bíblia. E a fé na orientação divina da história é uma das pedras de toque da obra de Flávio Josefo¹⁶.

¹⁵ BJ 5.566.

¹⁶ Cf. especialmente AJ 10.280 ss., no comentário de Josefo a Daniel.